

INSENSATO DESEJO

*Ah! Infinito delírio Chamado desejo.
Essa fome de afagos e beijos
Essa sede incessante de amor.*

(Gonzaguinha)

Ah! Infinito delírio Chamado desejo! Talvez o tema do desejo seja repetitivo, em minhas reflexões, assim como o próprio desejo. Mas, como psicanalista e teólogo aprendi que as palavras repetidas, longe de favorecerem uma aprendizagem ilibada, em prol de uma educação já “produzida”, elas desconstroem os medos e nos ajudam a pensar e enxergar outros mundos possíveis. A Psicanalista Maria Rita Kehl observa que “a repetição é a insistência do desejo não apenas em se realizar plenamente, mas em se expressar, em ser reconhecido pelo Eu”.

O tema do desejo me aterroriza e fascina, ao mesmo tempo. A palavra “desejo” vem do verbo latino *desidero* e do substantivo *sidera*. Daí o conceito *sideral* que indica “universo”. Assim como o universo, não há como sondar o desejo por conta de sua infinitude naquilo que deseja. O desejo, este universo infinito, é o real que arromba a nossa porta, invade sem pedir licença e se instaura como um hóspede não convidado. Freud, como eu, já se assustava com isso: “é um estranho em nossa casa”. O que fazer? Ignorá-lo? Enxotá-lo? E se ele se recusar a ir embora? Não é melhor “dar nome aos bois”? Tecer palavras para melhorar a convivência? Tolstoi chama de “iludidos” todos os que se orgulham por frear os próprios desejos. Não há freio para o desejo. Se houvesse, também seria fácil frear os feitos e defeitos que dele procedem. Clarice Lispector escreveu: a pretensão de eliminar os próprios defeitos é perigosa, pois não sabemos qual é o defeito que sustenta todo nosso edifício.

O desejo “é uma força imediata”, dizia Alain Badiou. Esta força é “fome do mundo” é falta do infinito, por isso, sempre insatisfeito. Aliás, ele até se satisfaz com o fato de não estar satisfeito. Vive sempre à procura e quando pensa que agarrou o objeto amado, este lhe escapa. Há algo de conflituoso no desejo, pois enquanto inconsciente, nem sempre busca o que é de nossa vontade consciente. A maioria das vezes é recusado, mas nem por isso ele deixa de insistir. Lacan

dizia que de uma forma ou de outra, nos responsabilizamos e somos culpados do desejo: “agimos conforme o desejo que nos habita”, por isso, numa perspectiva psíquica, se cedemos ao desejo, nos angustiamos, pois ele, nunca se satisfaz. Quanto mais se apossa do objeto, menos o possui.

Como considerar o desejo em teologia? Psicanálise e teologia são distintas em seu campo de pesquisa, porém, há algo que as duas áreas consideram: O desejo não tem freio, é este infinito que nos invade. Não há nada a fazer com ele senão desviar-lhe os caminhos apontando para uma vida com sentido, apesar deste direcionamento ser também fonte imediata do desejo.

Numa interpretação teológica é possível considerar o desejo como uma “força imediata”, porém, se o fim da análise é que o sujeito passe a querer o que deseja, o fim da teologia cristã é que o sujeito deseje o que quer. Não o querer próprio, mas o querer de Deus. Também aqui o fiel não tem autonomia em sua própria casa. É outra vontade que lhe invade: a vontade divina. Agostinho, em *Confissões*, dizia que há duas vontades: uma é altruísta e outra egoísta. Esta deve renunciar em prol daquela. O caminho a ser percorrido pelo fiel é infinito, porém é nesta estrada, apontada por Jesus, que o ser humano, em todo o seu ser, consciente e inconsciente vai cedendo à Outra vontade.

Em teologia desejo não é falta ou carência, mas saudade. Como em psicanálise o desejo, numa perspectiva cristã, é este universo infinito que nos habita e nos provoca a esperar o fim, pensando na origem: no princípio era o Amor. Se não há como frear o desejo, há como direcioná-lo ao seu objeto mais desejado: o Amor, *ágape*. É possível que o desejo deseje a graça infinita e a persiga. A parábola de Jesus em Mateus (7,24-27) trata disso. O mestre ensina utilizando-se da metáfora da casa como construção da personalidade cristã. Há dois construtores: um levanta sua casa sobre uma base firme, a rocha, e o outro sobre a areia. Ao comparar as duas construções, ele indica a diferença. Quem ouve a Palavra e faz a vontade de Deus é como aquele que construiu sua casa sobre a rocha firme, nem o vento e nem a tempestade pode abalar.

O que provoca tanto a psicanálise quanto a teologia é o fato de que “somos sujeitos permanentes de uma palavra que nos possui, sem dúvida”, como dizia a psicanalista Búlgara Julia Kristeva.

José Neivaldo de Souza é teólogo e psicanalista

Neivaldo.js@gmail.com